

Eu minto tanto que escrevo:
piores coisas eram de acontecer.
Vivia-se até à última,
Passámos a não ter idade para sair –
a morte no ar é uma máquina de alta
precisão
consola ver números no ecrã – quantos mais?
Eu minto tanto que digo:
nada se passa,
nós somos migalhas, membros da classe
sem classe
juntos, movemo-nos como se ela não o fosse.
Atiram as redes e ela colecciona os corpos.
Eu minto tanto que não escrevo:
também não gosto dela.
Nada há a dizer a seu favor – a sua
voz é sufocada pela máscara. A morte
tem máscara e amplifica o silêncio na terra.
Eu minto tanto que digo:
quem já chegou tem o caminho todo
pela frente
tem luvas na pontas dos olhos com que pega
no coração – era o que eu queria dizer – liquefeito
dos velhos.
Eu minto tanto que escrevo:
cada despedida é uma folha gigante de saudade.
Então o palco ocupa o mundo
o palco move-se onde secámos o leite às mães,
onde dissecamos o vírus infuso no corpo.

A morte, quando a apanhámos, a florou-nos
de punhos engomados, no palco da história:
difícil é acreditar no grande comício invisível.

Esta não é a forma de morrer.

Eu minto: esta é a forma de morrer.

O tempo espreita, estreita dia após dia
como a cobra suspensa no rato.

De cada homem só a pele.

Onde há mulheres e homens o mundo
é de névoa.

Eu minto tanto que escrevo:

Eram poucos os caixões, uma fileira encantada.

Era o amor da morte.